

O processo criativo com os *anthytypes* no documentário “Saberes da Terra”.

DANIELA CORRÊA DA SILVA PINHEIRO

■ 219

Daniela Corrêa da Silva Pinheiro é artista multimídia. Atualmente cursa o Doutorado em Media Artes, na UBI, em Portugal. Possui Mestrado em Artes Visuais pela UNICAMP/SP. Graduação em Fotografia pelo SENAC/SP e jornalismo pela ULBRA/RS. Pós-Graduação em Economia da Cultura, pela, UFRGS/RS. Sua pesquisa aborda questões sobre o tempo, a memória, e a impermanência; propondo a investigação da itinerância entre a materialidade e a virtualidade nas imagens, ora com os processos químicos, ora com o digital; onde através desses meios, questiona-se os paradigmas impostos pela imagem fotográfica tradicional. Seus trabalhos já foram exibidos no Brasil, Argentina, Espanha, Nepal, Alemanha, Estados Unidos e Portugal.

Afiliação: Universidade da Beira Interior/UBI, Portugal

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1354543597423500>

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-0902-2233>

■ RESUMO

Este artigo investiga o fazer fotográfico através do processo histórico de fotografia do século XIX, chamado de *anthotype*, por meio do qual se entrecruzam, a fotografia digital e o vídeo, no documentário “Saberes da Terra”. O documentário, que tem como tema a agricultura agroecológica, faz parte da pesquisa de doutorado em Media Artes, na Universidade da Beira Interior, em Portugal. A criação das imagens em *anthotype*, que fazem parte de “Saberes da Terra”, é realizada pelos alimentos dos agricultores agroecológicos entrevistados. Procura-se assim por meio deste estudo, ampliar os horizontes do fazer fotográfico, alcançando novas aberturas e dilatações a partir do encontro e da contaminação das imagens, ampliando o espaço de experimentações poéticas. Essas experiências vão ao encontro dos conceitos de fotografia expandida (Fernandes Junior, 2006) e de hibridação, de Couchot (1993). Assim, o artigo investiga a construção de um campo visual expandido híbrido, entre os pixels da captura digital, dilatado pela impressão artesanal do *anthotype*, atravessado pelas imagens em movimento do vídeo e, posteriormente, pelo documentário.

220 ■

■ PALAVRAS-CHAVE

Fotografia, documentário, *anthotype*, agroecologia, hibridação.

■ ABSTRACT

This article investigates photographic making through the photographic processes of the XIX century named *anthotype*, and its intersection of digital photography with video in the documentary “Saberes da Terra”. The documentary has as its theme the agroecological agriculture and it is part of the research of the PHD in Media Arts at the Beira do Interior University, based in Portugal. The *anthotype* technique, from which the images of the documentary are made, is created from the interviewed agroecological farmers' food. The aim of this study is to expand the horizons of photographic making, reaching new openings and expansions through the encounter and contamination of images, expanding the space for poetic experiments. These experiences meet the concepts of expanded photography (Fernandes Junior, 2006) and hybridization of de Couchot (1993). Thus, the article explores the creation of a hybrid and expansive visual field amid pixels of the digital shot, dilated by the artisanal impression given by the *anthotype* and crossed by the dynamic images of the video, which afterwards becomes the documentary.

■ KEYWORDS

Photograph, documentary, *anthotype*, agroecology, hybridization.

1. Introdução

O presente artigo tem como foco de reflexão o documentário “Saberes da Terra”¹ (2020), produzido pela artista multimídia Daniela Pinheiro. Este documentário, que faz parte de minha pesquisa de doutorado, em Media Artes, na Universidade da Beira Interior, em Portugal, investiga o fazer fotográfico através do processo histórico de fotografia do século XIX chamado *anthotype* e como ele entrecruza a fotografia digital e o vídeo. Para refletir sobre o documentário, serão utilizados como principais referenciais teóricos autores como Fernandes Junior (2006) — para pensar a fotografia expandida, lugar onde se localiza o meu fazer criativo — e Couchot (1993) — para pensar a hibridação, já que no processo criativo do documentário, entrecruzo imagens digitais e artesanais, utilizando softwares de edição por meio do computador.

O documentário “Saberes da Terra” (2020) aborda a importância da agricultura agroecológica para a alimentação saudável da população, e do consumo consciente dos alimentos plantados e colhidos na região sul do Rio Grande do Sul/RS, com o propósito de inspirar o consumo consciente, nas práticas humanitária, social e ecológica. Além disso, o documentário propõe refletir como o conceito moderno de natureza², influencia na maneira como encaramos as questões humanas, de outras espécies e do meio ambiente, questionando a acentuação da modernidade na separação entre os âmbitos do humano e não humano, do natural e cultural e da poesia e ciência. Nesse ponto, o artigo dialoga com três pensadores que ajudam a problematizar essa questão: Scarano (2019), Krenak (2020) e Coccia (2013).

A tentativa de superação do paradigma da dicotomia natureza versus humano há muito vem sendo discutida por diversos autores de múltiplas áreas do conhecimento. Scarano (2019), por exemplo, trata o conceito de Gaia desenvolvido nos anos 1960, pelo cientista James Lovelock, sob diversas óticas, abordando fauna, flora, ser humano e leis naturais que compõem um supra organismo, um ser único. Além disso o autor discorre como a visão dicotômica levou à crise ambiental. Coccia (2013), propõe uma inversão do pensamento, uma metafísica da mistura, e nos convida a estudar as plantas para nos tornarmos mais sensíveis à ideia de interconexão de tudo com todos os seres. Já Krenak (2020), líder indígena brasileiro, acredita que a terra é um organismo vivo e que, caso a humanidade continue com o atual ritmo predatório, entrará na lista de espécies em extinção. No livro “A vida não é útil” (2020), destaca-se a ideia da profunda desconexão do ser humano com o organismo Terra, provocando reflexões sobre a centralidade da espécie humana e a forma como estamos nos relacionando com o planeta.

Assim, o processo criativo em “Saberes da Terra” (2020), influenciado por todos esses autores citados acima, propõe um abrandamento do ritmo da respiração e dos gestos a partir da exploração da materialidade da fotografia e da componente somática da vida das plantas, que apresentam um ritmo lento e paciente. As imagens em *anthotype*, que fazem parte do documentário, são

¹ Para assistir o documentário acessar: <https://www.youtube.com/watch?v=KiZN7nAEujY&t=5s>

² “NATUREZA é um desses substantivos que têm um uso vasto e variado. Talvez o emprego mais popular seja o do seu sentido mais estrito, para se referir ao conjunto de seres vivos não humanos” (SCARANO, 2019, p. 15).

realizadas pelos sumos vegetais dos alimentos dos agricultores agroecológicos entrevistados no documentário, fazendo com que essa imagem produzida faça parte de um viés colaborativo entre a autora do documentário e os agricultores: “Esta ligação, esta conspiração universal das ideias, das verdades e das coisas é, alias, o que chamamos mundo: o que atravessamos e o que nos atravessa a cada instante, de cada vez que respiramos” (COCCIA, 2013, p. 172).

O *anthotype* ou antotipia³, processo criativo utilizado no documentário “Saberes da Terra” (2020), tem como característica o registro de imagens a partir de corantes vegetais, utilizando o sumo de flores, plantas, raízes ou frutos como emulsão fotossensível, que se alteram e se apagam com o sol e o passar do tempo. Este processo fotográfico histórico foi apresentado pela primeira vez no século XIX (na década de 40), na Inglaterra, por Sir John Herschel e, logo em seguida, por Mary Somerville (FABBRI, 2012). Das experiências de Herschel e de Somerville sobre a emulsão das plantas, é percebido que a ação dos raios solares provoca o esmaecer das cores, resultando em uma imagem de contrastes sutis e efêmera quando exposta à luz, depois de revelada.

No processo criativo com o *anthotype*, o antes, durante e o depois estão abertos a diferentes formas de intervenção e de manipulação da imagem. Flusser (2002) defende que o criador é aquele que penetra e compreende a finalidade do aparelho, que experimenta com as regras já estabelecidas, que inventa o seu processo e não cumpre um programa. Uma forma de ultrapassar o programa é introduzindo novos materiais, linguagens e procedimentos na produção fotográfica, e é isso que é explorado no documentário “Saberes da Terra” (2020).

Pretende-se, portanto, abrir espaços para outros diálogos com a fotografia. Daí a importância de trabalhar com o conceito de fotografia expandida ou fotografia experimental, contaminada, manipulada, criativa, híbrida, precária, entre outras tantas denominações, enfatizando a importância do processo de criação. Na fotografia expandida, o processo criativo está para além do momento do clique fotográfico. Com isso, todas as imagens produzidas estão sujeitas a sofrerem transformações antes, durante e depois de sua revelação (FERNANDES JUNIOR, 2006).

Entende-se, conceitualmente, a partir de Fernandes Junior (2006), a fotografia expandida como um modo de fazer fotográfico que valoriza a experiência na sua trajetória criativa e nos procedimentos utilizados pelo artista, livre das amarras da fotografia convencional. Segundo Fernandes Junior (2006), devemos considerar todos os tipos de intervenções na imagem que aponta para uma reorientação dos paradigmas estéticos, os quais ousam ampliar os limites da fotografia enquanto linguagem, sem se deter na sua especificidade: “Não nos interessa mais apenas o cumprimento das etapas do processo codificado para o registro fotográfico. Agora, torna-se importante considerar os contextos de produção e as intervenções antes, durante e após a realização de uma imagem de base fotográfica” (FERNANDES JUNIOR, 2006, p. 17).

Essa denominação de fotografia expandida tem como base teórica os textos

³ Tradução do termo cunhado por Herschel – o termo grego *ánthos* designa “flor”, e o termo grego *tipus* significa “cunho”, “molde”, “sinal”. A literatura atual apresenta diferentes nomenclaturas para essa técnica: *Anthotype*, *Antotipia* e *Phototypes*. Neste artigo opta-se por utilizar o termo *anthotype*, pois é utilizado com mais ocorrência nas pesquisas acadêmicas brasileiras e de língua inglesa.

de Rosalind Krauss, em que a autora discute a questão da Escultura Expandida e o texto de Gene Youngblood que discorre sobre o Cinema Expandido. Krauss (2000) coloca em debate determinados preceitos, como a especificidade e a pureza dos meios - sinalizando para um momento pós-meio, voltado para a expansão, intersecção, contaminação entre as linguagens, que pontua caracterizar algumas produções contemporâneas. Youngblood (1970) apresenta o conceito de expansão da linguagem por meio do livro “*Expand Cinema*”, a partir da ideia de um código que vai além dos limites preestabelecidos para se expressar, alargando suas possibilidades a partir do desenvolvimento da expressão e da incorporação de novas referências e de novas materialidades.

Além disso, há um texto do artista e editor Andreas Müller - *Pohle*, *Information Strategies*, publicado na revista alemã *European Photography*, em que ele discute algumas questões para compreender essa fotografia preocupada com o fazer fotográfico. As estratégias propostas por Müller - Pohle (1985) oferecem três níveis de intervenção: o artista e o objeto (a construção e o arranjo do assunto da fotografia); o artista e o aparelho (no sentido de usá-lo contrariamente à sua função preestabelecida); e, por último o artista e a imagem (interferindo na própria fotografia).

■ 223

Assim, na fotografia expandida, as possibilidades de intervenções em todo o processo criativo fotográfico são inúmeras. Nas imagens fotográficas presentes no trabalho “Saberes da Terra” (2020) é possível perceber esse modo de proceder, no qual se busca criar outras conversas com a fotografia, com o propósito de romper com os paradigmas em torno da imagem fotográfica tradicional concebida como algo fixo e estático, fazendo emergirem novas imagens visuais fotográficas, por meio do contato com a materialidade, as intervenções e as experimentações com o processo alternativo da fotografia, como *anthotype* em seu entrecruzamento com a fotografia digital e o vídeo.

Dessa forma, o conceito de fotografia expandida não só questiona os padrões impostos por sua tradição, mas também ultrapassa o fazer fotográfico, podendo criar diálogos entre o vídeo, a instalação, a projeção e os mais diversos recursos tecnológicos. Diante dessa integração de formatos, meios, suportes e linguagens, torna-se importante ter em mente a questão da hibridação. Nesta pesquisa, utiliza-se o computador como instrumento de composição, integrando todas as linguagens imagéticas. A partir da inserção do computador que é discutida a hibridação. Em relação a esse ponto, deve-se ressaltar o pensamento de Couchot (1993), no qual a hibridação, segundo o autor, vai acontecer entre o ato artístico e os procedimentos computacionais a partir do momento em que se encontram numerizadas (COUCHOT, 1993). Percebe-se, a partir daí, que as fronteiras entre as linguagens se diluem, ocorrendo atravessamentos entre as imagens com a proposta de se potencializarem.

2. As mutações da imagem no documentário “Saberes da Terra”

A arte contemporânea se abre para a multiplicidade de manifestações; experimenta, mistura técnicas, rompe as fronteiras, diluindo-as, e contaminando-se de um poder hibridizante que a inventa a todo instante. O conceito de hibridação

apresentado neste artigo, vem ao encontro dos procedimentos vinculados à proposta poética de criação do filme, já que o documentário “Saberes da Terra” (2020) dialoga com inúmeras linguagens, utilizando o computador e as tecnologias digitais como um dos meios de produção, criando assim, uma nova estética – uma estética da hibridação (COUCHOT, 2003).



Figura 1. Foto Still de um dos agricultores agroecológicos entrevistados, 2020. Fotografia de Daniela Pinheiro.

No documentário “Saberes da Terra” (2020), a hibridação é percebida no processo criativo através do momento em que utilizo o computador nas etapas criativas. No processo com o anhotype é utilizado o software de edição Photoshop, desde a produção do positivo até depois, quando essa imagem é digitalizada e editada novamente, para logo em seguida, ser animada/ editada no software de edição de vídeo Premiere, junto às imagens digitais do documentário. Percebe-se, então, a criação de uma imagem nova, expandida e híbrida. Essas misturas de linguagens no documentário “Saberes da Terra” (2020), por meio de tais tecnologias, esbarram no pensamento de Couchot (1993), no que diz respeito ao processo de criação e da produção artística, a partir do que o autor denomina de tecnologia numérica:

[...] a arte numérica é antes de tudo uma arte da Hibridação. Hibridação entre as próprias formas constituintes da imagem sempre em processo, entre dois estados possíveis, diamórficos, meta-estáveis, autogerados. Hibridação entre todas as imagens, inclusive as imagens óticas, a pintura, o desenho, a foto, o cinema, a televisão, a partir do momento que se encontram numerizadas (COUCHOT, 1993, p. 46).

Couchot (1993) ainda complementa que a hibridação que ocorre na arte digital está justamente no diálogo que ela permite dentro dos processos computacionais, pois as informações são retiradas no mundo real, sejam elas fotográficas ou cinematográficas e se refazem em combinações que permitem hibridar o universo do cálculo e do gesto expressivo, fazendo do ato artístico uma produção móvel.



Figura 2. Edição do documentário “Saberes da Terra” no software de edição Premiere, 2020. Imagem em destaque do anthotype realizado pela emulsão vegetal do urucum.

“Saberes da Terra” (2020) inicia-se na voz over, narrando em primeira pessoa a minha relação com o consumo consciente e com a agricultura agroecológica, sobrepondo com imagens em movimento em planos subjetivos, como se a câmera e, conseqüentemente, os espectadores se posicionassem em meu lugar. Na apresentação de cada agricultor entrevistado, as imagens digitais em movimento se misturam com as imagens fotográficas artesanais em *anthotype*. Assim, o documentário “Saberes da Terra” (2020) vai seguindo essas relações híbridas, expandidas entre as imagens, com a proposta de promover um diálogo entre as linguagens, nas quais elas se potencializam: o instantâneo da fotografia digital, dilatado pela impressão artesanal com o processo histórico *anthotype*, atravessado pelo movimento virtual do vídeo e, posteriormente, pelo documentário; configurando a um campo aberto visual.

225

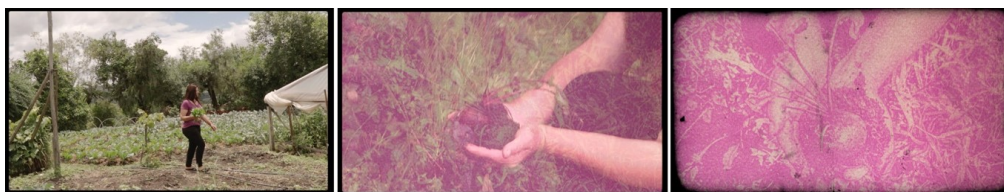


Figura 3. Frames do documentário “Saberes da Terra, 2020”. Imagens digitais entrecruzadas com imagens em *anthotype*. *Anthotype* realizado pela emulsão vegetal da beterraba da própria agricultora à esquerda.

Percebe-se que o conjunto destes recursos resulta na criação de um tempo particular e circular, no qual as etapas de criação passam por diferentes momentos, na coexistência dos tempos, com procedimentos que vão provocar as múltiplas temporalidades na imagem. Dessa forma, o tempo e a duração em “Saberes da Terra” (2020) se dilatam na produção e na construção das imagens, que passam entre *pixels*, afetos, emulsões vegetais e gestos. O tempo alongado proporcionado pela artesanania de impressão do *anthotype*, abre-se à constante impermanência da matéria, e nas diferentes durações dos tempos na imagem. “Saberes da Terra”

(2020) não para de mudar, e se atualizar, nos diferentes tempos e movimentos da imagem.

3. O processo criativo com as imagens fotográficas e as emulsões vegetais

Fotografar, filmar e experimentar, junto à natureza a partir dos processos artesanais de fotografia através da emulsão das plantas, e da luz solar para a impressão da imagem fotográfica, envolve um diálogo e um mergulho na espacialidade e temporalidade da natureza. A colheita de plantas, a extração e a preparação das emulsões vegetais para o processo com o *anthotype*, são ações que nos aproximam do reino vegetal, nos conectando a práticas ancestrais abandonado, principalmente nas sociedades urbanas. Diante dessa troca com as plantas, se torna visível outra lógica de projetar o mundo, na qual não se está só interessado em representar, mas em se relacionar com os espaços naturais, cujas práticas partem da vontade essencial de coexistir, suscitando novos discursos no fazer artístico.

Emanuele Coccia, em seu livro a “Vidas das Plantas” (2013), propõe uma filosofia a respeito daquilo que as plantas nos ensinam, pelo seu modo de estarem no mundo, de habitarem e gerarem vida. “Saberes da Terra” (2020) vai ao encontro do pensamento de Coccia, o qual este nos convida a estudar as plantas nos propondo uma metafísica da mistura: “Identificar a natureza e o cosmo significa, antes de mais, fazer da natureza, não um princípio separado, mas aquilo que se exprime em tudo o que é” (COCCIA, 2013, p. 35).

O processo criativo com o *anthotype* no documentário “Saberes da Terra” (2020), conectam-se com práticas ancestrais, realizadas no passado por nossos antepassados, correlacionando, assim, a uma memória coletiva e afetiva, sugerindo um diálogo de diferentes cosmovisões, filosofias ancestrais e saberes, para que, juntos possam trazer novos modos de existência, e de relação com a natureza: “Para além de “eu sou a natureza”, a consciência de estar vivo deveria nos atravessar de modo que fossemos capazes de sentir que o rio, a floresta, o vento, as nuvens são nosso espelho na vida” (KRENAK, 2020, p. 99 -100).

Um ponto muito importante no processo alternativo de fotografia *anthotype* é que a emulsão fotossensível se dá através das emulsões vegetais da natureza. Essa característica se difere da química e da alta toxicidade comumente usadas em outros processos fotográficos, descobertos também no século XIX. Essas particularidades do processo *anthotype* o torna ele importante nos dias de hoje, no ensino acadêmico por meio da aprendizagem do fazer fotográfico em consonância com a natureza. Segundo Fabbri (2012), o *anthotype* é um processo fotográfico muito delicado e um fazer ecologicamente correto de impressão, usando o material fotossensível das plantas encontradas na natureza: “Tudo que você precisa adicionar é água, luz sol, inspiração e paciência. Muita paciência!” (FABBRI, p 2012. 8). (tradução nossa)⁴

O começo do trabalho criativo com o *anthotype*, para o documentário “Saberes da Terra” (2020), parte das imagens digitais fotografadas dos agricultores

⁴ No original: All you need to add is water, sunshine, inspiration and patience - a lot of patience! (FABBRI, p 2012. 8).

agroecológicos no seu contato com a terra, em suas plantações. As fotografias foram realizadas no momento da gravação do documentário, na interação e na troca com os agricultores. Logo depois, as imagens são trabalhadas no programa de edição de fotografia e transformadas em positivo em preto e branco. É com essa matriz digital (os tons não são invertidos) que se inicia-se o processo de impressão com o *anthotype*.

O trabalho de edição das imagens escolhidas pode durar tanto um como vários dias, e entre esses dias surgem muitos pensamentos. Muitas vezes, torna-se algo cansativo, maçante, pois a criação e a edição do positivo no software de edição exigem precisão, já que essa será a imagem que, no final, receberá a luz do sol. Nessa etapa pode ocorrer intervenção e manipulação do positivo, retirando algum elemento da imagem que se achar necessário, no programa de edição. O suporte para a impressão dos positivos precisa ser de material translúcido, o acetato. Como no *anthotype* o processo de impressão fotográfica é positivo, as áreas do papel que forem mais atingidas pela luz ficam claras, enquanto as áreas poupadas parcial ou completamente da luz, ficarão com a coloração da emulsão vegetal.

■ 227



Figura 4. Processo de criação do documentário, 2020. Na foto, a imagem em positivo para o começo do trabalho com o *anthotype*, 2020. Fotografia de Daniela Pinheiro.

Para o documentário “Saberes da Terra” (2020), foram experimentados vários alimentos dos agricultores, entre eles: erva-mate, beterraba, urucum, amora e espinafre. A grande variedade cromática possível de ser obtida através do *anthotype* depende tanto da espécie vegetal utilizada, quanto da parte da planta da qual se extraem os corantes naturais. A correspondência entre o material vegetal utilizado e a cor da impressão final, entretanto, nem sempre ocorre.

Depois de escolhidos, os vegetais devem ser macerados com o uso de um almofariz, com adição de álcool ou água. A partir daí, abre-se a uma conexão com um outro tempo, um diálogo com as ferramentas, com os materiais, com o sol, a terra, a água e o ar. Um tempo de desaceleração dos gestos, uma possibilidade de afetar-se com a mutação da matéria. Inicia-se, nessa etapa, a preparação da emulsão. Segundo Fabbri (2012), nessa fase, é importante descobrir onde está localizada a maior parte do pigmento da planta: “No caso das flores, geralmente são as pétalas que carregam o pigmento; nas folhas, normalmente as folhas inteiras; mas na fruta, a casca pode ser o que se precisa para fazer a tintura”

(FABBRI, 2012, p. 31) (tradução nossa)⁵.

Logo depois, é preciso filtrar os pigmentos e passar no coador de papel. A partir disso, a emulsão vegetal já está pronta para o uso. Nesse momento é preciso ter cuidado, pois pode ocorrer interações químicas. Fabbri (2012) chama atenção para essa etapa, pois uma vez que a planta não é devidamente coada ou esmagada, seus pedaços podem grudar na impressão final, causando manchas na superfície do papel.

O processo com o *anthotype* permite a participação do autor em todas as etapas de criação, fazendo o artista entrar em outro tempo com a imagem fotográfica – um tempo lento e desacelerado, na qual a exposição ao sol, depende das estações do ano. Enquanto, no inverno, a imagem pode demorar de dez dias a uma semana para se formar pelos raios de sol, no verão esse tempo pode reduzir para três dias, ou menos — às vezes, até horas. Com isso, podemos perceber que trabalhar com o *anthotype* é um trabalho direto com os tempos da natureza e das plantas: “Interrogar as plantas equivale a compreender o que significa estar no mundo” (COCCIA, 2013, p. 23).

Diferentemente do processo fotográfico analógico tradicional, em que os negativos são colocados em ampliadores, nos quais são projetados sobre papel fotossensível, no *anthotype* não é possível fazer desta forma, já que sua emulsão, através dos corantes das plantas, é muito lenta e a luz necessária para a exposição é a luz solar. Para a exposição do *anthotype* à luz, o mais recomendável é o sol, já que é necessário longo tempo de exposição para gravar a imagem: “Quanto mais forte e direta é a luz do sol, mais rápida será a exposição” (FABBRI, 2012 p. 56) (tradução nossa)⁶

228 ■



Figura 5. Anthotype com a emulsão vegetal da amora, sendo exposto ao sol, 2020. Fotografia de Daniela Pinheiro.

O sol muda a todo o instante, fazendo o corpo se deslocar segundo a direção dos raios solares. É preciso observar a incidência da luz, pois a imagem precisa estar direcionada a ela. O corpo caminha, transita, junto com a imagem. Em alguns momentos do dia, a imagem precisa estar no chão, em outras, em cima de

⁵ No original: With flowers it is most often the petals that carry the pigment; in leaves, the entire leaf; but in fruit, the peel can be what you need to make your paint. (FABBRI, p 2012. 31).

⁶ No original: The stronger and more direct the sunlight is, the quicker the exposure will be. (FABRI, p 2012).

algo. Para saber o tempo exato de exposição da imagem aos raios de luz, tenho como metodologia, para essa fase, a sistematização de dados técnicos das fichas catalográficas, nas quais é detalhado o procedimento envolvido no processo, como colheita, diluentes, camadas, aplicação, estação, mês, local, papel e algumas outras observações relevantes.

Cada emulsão vegetal tem um tempo próprio de exposição ao sol. Além disso, também há fatores como papel, camadas dos pigmentos, estação do ano, diluentes, que influenciam no tempo da formação da imagem. Em “Saberes da Terra” (2020), por exemplo, uma das imagens fotográficas utilizando a emulsão da beterraba, demorou apenas um dia para a formação da imagem; já a emulsão com a amora, demorou mais de uma semana.

Logo depois de realizadas todas essas etapas, as imagens em *anthotype* encontram-se prontas para integrar o documentário “Saberes da Terra” (2020), juntamente com as demais imagens em movimento, resultando na exploração de um tempo particular e circular, passível de nos fazer refletir sobre a transitoriedade nos processos artísticos e nos ciclos de vida e morte da natureza com procedimentos que provocam, exploram e beneficiam das múltiplas temporalidades inscritas e coexistentes na imagem.

■ 229

4. Considerações Finais

A imersão e a troca com as plantas no documentário “Saberes da Terra” (2020), é uma parte importante do processo artístico em que envolve diferentes disciplinas entre arte, ciência, tecnologia e ecologia, na tentativa de criar novas formas de existir, interagir e fazer parte do ambiente natural, por meio do fazer criativo e da interação com os agricultores agroecológicos. Tudo está misturado com tudo, nada está ontologicamente separado do resto: “No mar do pensamento, tudo comunica com tudo, cada saber penetra e é penetrado por todos os outros. Todo objeto pode ser conhecimento por qualquer disciplina, todo o conhecimento pode dar acesso a qualquer objeto” (COCCIA, 2013, p. 173).

As imagens que compõem o documentário instigam o pensar sobre a metafísica da mistura, ao trazerem os ciclos da matéria em transmutação. Neste trabalho, temos uma maneira reversa de pensar, já que um dos maiores paradigmas da fotografia é fixar o tempo. Interessa, portanto, o próprio movimento vivo que atua nas múltiplas temporalidades inscritas e coexistentes das imagens, considerando a impermanência viva, o impulso da criação: uma fotografia expandida – uma espécie de resistência e liberdade. Resistência por utilizar procedimentos e um fazer diferente dos automatismos generalizados e de libertação, porque seus diferentes procedimentos, quando articulados criativamente, apontam para um inesgotável repertório de combinações (FERNANDES JUNIOR, 2006).

No documentário “Saberes da Terra” (2020), a hibridação ocorre a partir do momento em que as imagens se encontram no computador, tornando-se numéricas. Este conceito, defendido por Couchot (1993), foi o mais conveniente e adequado para refletir sobre a hibridação nos processos híbridos constituintes a partir de minha poética, enquanto a fotografia assume um importante papel, pois é a partir dela que início o processo poético. “Saberes da Terra” (2020) vai

percorrendo assim, um trânsito de ir e vir, um contágio, a partir de encontros, conexões e combinações e utilizando como ponto de encontro das imagens, o computador.

Por meio do documentário “Saberes da Terra” (2020), percebe-se que no entrecruzamento das imagens, o *anthotype* alcança novas aberturas e dilatações, nas quais as diferentes linguagens artísticas são potencializadas pela contaminação e pelos contágios das mesmas, ampliando o espaço de experimentações poéticas.

Referências

COCCIA, Emanuele. **A vida das Plantas**: uma metafísica da mistura. Lisboa: Editions Payot e Rivages, 2013.

COUCHOT, Edmond. **A Tecnologia na Arte**: da fotografia à realidade virtual. Porto Alegre: UFRGS, 2003.

COUCHOT, Edmond. Da representação a simulação: evolução das técnicas e das artes da figuração. In: Parente, André (org.). **Imagem e Máquina**. Rio de Janeiro: Ed 34, 1993.

FABBRI, Malin. **Anthotypes**: explore the darkroom in your garden and make photographs using plants. Stockholm: Alternativephotography.com, 2012.

FERNANDES JUNIOR, Rubens. Processos de Criação na Fotografia: apontamentos para o entendimento dos vetores e das variáveis da produção fotográfica. **FACOM**, São Paulo, FAAP, n. 16, p. 10-19, 2. Semestre 2006.

FLUSSER, Vilém. **Filosofia da caixa preta**: ensaios para uma futura filosofia da fotografia. Trad. do autor. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

KRAUSS, Rosalind. **A Voyage on the North Sea**: art in the age of the post- medium condition. Thames & Hudson, USA, 2000.

KRENAK, Ailton. **A vida não é útil**. 1ed. São Paulo. Editora Companhia das Letras, 2020a.

MULLER-POHLE, Andréas. Information Strategies. European photography, **Photography**: Today/Tomorrow, Jan/Fev/Mar. 1985. Disponível em: < <http://www.muellerpohle.net>>. Acesso em: 13 maio 2021.

YOUNGBLOOD, Gene. **Expanded Cinema**. New York: P. Dutton & Co, Inc, 1970.

SCARANO, Fabio Rubio. **Regenerantes de Gaia**. Rio de Janeiro: Editora Dantes, 2019.

Recebido em 14/05/2021 - Aprovado em 01/09/2021

Como citar:

PINHEIRO, D. C. S. O processo criativo com os *anhotypes* no documentário “Saberes da Terra”. *ouvirOUver*, v.17, n.2. p. 219-231. jul./dez. 2021. <https://doi.org/10.14393/OUV-v17n2a2021-61067>



A revista ouvirOUver está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial 4.0 Internacional.